

## SADE FILÓSOFO

## SADE PHILOSOPHER

*Francisco Verardi Bocca*<sup>1</sup>

Recebido em: 07/2018  
aprovado em: 08/2018

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir de que modo Marquês de Sade, na obra *Os 120 dias de Sodoma*, sustenta um ideal pedagógico que ilustraria a sua filosofia materialista - um materialismo levado às últimas consequências. Para tanto, a investigação se apoia na tradição literária europeia, na tradição filosófica e em elementos de ordem biográfica. A partir disso, pode-se constatar que Sade talvez seja o pensador que tenha levado às últimas consequências, no plano moral e filosófico, algumas premissas do pensamento moderno.

**Palavras-chave:** Marques de Sade; filosofia materialista; pensamento moderno.

**Abstract:** The aim of this article is to discuss in which way Marquis de Sade sustains, in the work "The 120 days of Sodom", a pedagogical ideal that would illustrate his materialistic philosophy - a materialism led to the last consequences. Therefore, the investigation is based upon the european literary tradition, on the philosophical tradition as well as on elements of biographical order. From this point, it can be observed that Sade might be the intellectual who had taken to the ultimate consequences, on the moral and philosophical plan, some of the early modern thought.

**Keywords:** Marquis de Sade; materialistic philosophy; modern thought.

“Agora amigo leitor, prepara teu coração e teu espírito para o relato mais impuro já feito desde que o mundo existe, pois não há livro semelhante nem entre os antigos nem entre os modernos” (Sade, 2008, p. 62). Esta advertência pode ser considerada mais uma extravagância de Marquês de Sade (1740 - 1814) apresentada logo nas primeiras páginas de *Os 120 dias de Sodoma* (1785)? Veremos. Na verdade, a história da produção e da perda dos manuscritos que compõem esta obra, assim como de sua recuperação e de sua publicação somam perplexidade e confirmação à tamanha advertência. De toda forma, a leitura de uma provocação deste vulto outra coisa não me produziu do que a inquietação e a curiosidade de investigar e compreender em que condições tal obra poderia cumprir o prometido, isto no caso de não ser uma mera bravata.

Dimensionando seu alcance lembrei que de um modo geral a literatura erótica francesa

---

<sup>1</sup> Professor Titular do Curso de Filosofia e Programa de Mestrado e Doutorado em Filosofia da PUCPR.

do século XVIII, especialmente depois da revolução, abandonou o propósito militante perdendo sua gravidade enquanto assumiu, digo de modo bem ligeiro, propósito recreativo. No entanto, destoando desta tendência, a obra de Sade permaneceu sustentando um ideal pedagógico que me instigou ao risco de reconhecê-la como ilustrativa de sua filosofia materialista, como a entendo, um materialista às últimas consequências<sup>2</sup>. Apoio esta hipótese relacionando sua obra primeiro à tradição literária europeia inaugurada por Aretino (*Pornólogos*), passando por Clelande (*Fanny Hill*), Boyer (*Teresa filósofa*) e Laclos (*Ligações perigosas*), entre tantos outros que se valeram do romance pornográfico como gênero literário bem como da prostituta como personagem protagonista e porta-voz de um discurso filosófico. Em seguida, indicando de passagem para detalhar adiante, seu frequente recurso à história da filosofia e a menção a um número expressivo de filósofos. É importante atentar para o fato de que no século XVIII francês a distinção entre o texto filosófico sistemático e a literatura ficcional como as entendemos atualmente, nem sempre procedia. Para ficarmos em exemplos recorrentes lembro os notáveis romances, diálogos, biografias e cartas de autores como Diderot, Rousseau, Voltaire, La Mettrie etc..

Ainda na tentativa de compreender sua intenção ao propor “o relato mais impuro já feito desde que o mundo existe” recorri à sua biografia, mesmo consciente da insuficiência e dos limites deste recurso. Por ela ficamos sabendo que casado aos 23 anos Sade deu início a uma carreira progressiva de eventos que o mantiveram por aproximadamente 27 anos enclausurado em presídios e sanatórios, tendo inclusive ocupado a condição de ilustre residente da Bastilha, exatamente onde concebeu, redigiu, conservou e também se separou forçadamente dos manuscritos de *Os 120 dias*, para nunca mais reencontrá-los. Episódio que, relatam seus biógrafos, teria produzido suas únicas e poucas lágrimas.

Perversões, violências, bizarrices, blasfêmias, indiferença moral, mas também luxo, sofisticação, esbanjamento; ingredientes que retirou de suas inúmeras leituras de história de vida de reis e cleros do passado e do seu presente, assim como de farta literatura sobre culinária, etiquetas, viagens e especialmente filosofia. Destas experiências concluiu, como se pode reconhecer em seus romances, pela ausência de um padrão moral universal, pelo relativismo moral. Além disso, suas obras são, asseguram seus biógrafos, repletas de relatos de fatos e personagens reais camuflados. Há quem sugira que inclusive Justine outra pessoa não seria do que Renè-Pélage, sua esposa e Juliette, Anne-Pròspere, sua cunhada. O que dizer de membros

---

<sup>2</sup> Sobre esta tese consultar artigo de minha autoria intitulado *Le Marquis de Sade: un matérialisme aux conséquences ultimes*, publicado na Revista Natureza Humana, v. 16, 2014.

do clero, da burocracia e da aristocracia?

Ainda no plano biográfico Donald Thomas atribui-lhe uma curiosa fantasia infantil “de construção de um mundo autossuficiente” (1992, p.117), que teria sido forjada a partir de frequentes viagens aos castelos de familiares a cada inverno. Já adulto, teria levado adiante a tentativa de sua realização efetiva tendo como cenário o castelo de La Coste. Experiência fracassada em 1774, como destino natural de toda fantasia, agravada pela fuga de moças irreverentes e greve de cozinheiras inconformadas. Tudo tendo ocorrido desta maneira, a insistência pela via da literatura e do teatro parece evidente.

Das incontáveis cartas à esposa, em viagem à Itália em 1755, declarou ter reconhecido que a primeira lei da natureza é o egoísmo (mais tarde agregou-lhe o crime), dando os primeiros passos em direção à lenta elaboração do que chamo sua filosofia da natureza humana. Nesta viagem ampliou seu imaginário e acendeu suas fantasias ao conhecer a Vênus de Ticiano, o museu de cera de dissecação de corpos e a estátua de Hermafrodite que lhe causou impressão indelével. Em Roma conheceu ainda a catedral de São Pedro que mais tarde serviu de cenário para as perversões de Juliette (onde contracenou com o Papa Urbano IV, autor da famosa dissertação sobre o mal). Em Florença teve a oportunidade de formular uma segunda lei universal da natureza, a prostituição.

Mais tarde, acusado duplamente por um espancamento e uma tentativa de envenenamento foi encarcerado em Vincennes por 13 anos. Ao perder a esperança de liberdade, fato que certamente produziu uma inflexão em sua vida, passou a frequentar intensamente a literatura na dupla condição de leitor e de escritor voraz e assim a construir um mundo particular dentro da sela, realizando fantasias, mas sob o modo de articular literatura e pensamento filosófico. Assim concebeu, segundo entendo e pretendo demonstrar, sua literatura filosófica própria. Tomou conhecimento das obras de incontáveis filósofos, como Heráclito, Epicuro, Lucrécio, Marcial, Sêneca, Virgílio, Horácio, Tácito, Luciano, Petrônio, Virgílio, Maquiavel, Espinosa, Hobbes, Newton, Buffon, Montaigne, Helvétius, D’Alembert, Voltaire, Rousseau, D’Holbach, Montesquieu e especialmente La Mettrie, de cujo pensamento derivou, na verdade concebeu sua filosofia natural e moral à sua maneira própria.

Neste clima, a partir de 1781 passou a redigir suas teses, por exemplo, na obra *Diálogo entre um padre e um moribundo* (na verdade um gênero literário frequente nos círculos da ilustração francesa). Nela apresentou a tese corrente, mas que tomou de empréstimo especialmente de La Mettrie de que a vida deve ser considerada como processo mecânico (na verdade fisiológicos) de forças em movimento, ilustrando-o aos moldes de um erotismo vivido

por homens máquinas. Outras teses logo foram apresentadas: a recusa do dualismo cartesiano, pela qual a vitalidade e sensibilidade foram admitidas como uma propriedade imanente da matéria; a homogeneidade e continuidade entre as formas da natureza (que no limite conduziu à indistinção entre seres e espécies); a postulação de uma matéria prima única e elementar apoiada no atomismo clássico e na fisiologia da medicina moderna (recorrendo ao elemento fundamental de Demócrito e Epicuro, à fermentação do barro de La Mettrie); do homem como uma organização de fibras e tecidos musculares e o prazer como resultado de seu movimento (fenômeno conhecido pela fisiologia da época como iatromecanicismo); a aleatoriedade biológica e histórica que preside aos arranjos das formas vivas e a inutilidade e ausência de finalidade de seus modos de convivência (o que justifica inclusive sua extinção) e por fim, a razão como serva da sensibilidade (pressuposto de que a gênese da primeira decorre da complexidade e funcionamento da segunda).

Especialmente em relação ao estatuto do prazer enquanto paixão fundamental concebeu-o como orgânico e resultante de uma agitação mecânica intensa das fibras, unidades elementares dos corpos (fisiologia herdada de von Haller e Boerhaave que sucedeu à clássica teoria dos espíritos animais). Concepção ilustrada (facilmente reconhecível) pelas cenas de espancamentos e flagelações, visando muito além de uma simples transgressão de padrões sexuais. Em acréscimo, notadamente por influência de La Mettrie (e quem sabe de Cabanis?), Sade revelou a influência da importância da alimentação e das condições geográficas e climáticas na constituição do caráter libertino, explicitando a continuidade entre a dimensão física e a moral. O que torna inclusive compreensível a importância das peregrinações dos personagens libertinos pelo continente europeu usufruindo da diversidade do clima e da abundância de alimentos tonificadores que proporciona para o exercício da vida libertina.

Dentre as contribuições originais de Sade, antecipo a radicalização das teses do materialismo francês, por exemplo, o ateísmo e a indiferença moral. Promovendo-a, criticou La Mettrie por não considerar que só o ateísmo e o crime sustentam de fato a tese do homem como máquina. Não o fez por outro motivo que o de ter compreendido a natureza sem pressupostos, brechas ou pontos de fuga para a liberdade, para o progresso moral e sua conservação, já que a condição humana é desde sempre anunciadora da submissão à sensibilidade, de sua finalidade que é a obtenção de prazer ilimitado.

Em parte por tudo isso, em 1793 caiu em desgraça mais uma vez com a Revolução quando Robespierre, num ato de revisionismo, declarou ser o ateísmo um valor aristocrático e ordenou a adoração do Ser Supremo e a crença na imortalidade da alma. Adicionalmente,

aprofundando o período do terror, pôs fim aos três breves anos de liberdade que Sade desfrutou. De volta à prisão, em 1795 escreveu *Filosofia na alcova*, obra em que entre outras coisas denunciou a brutalidade republicana. Entre outras coisas, uma obra de formação de caráter e de reforma social.

Certo do limitado alcance que abordagens e informações introdutórias como estas proporcionam para a compreensão da obra e do pensamento de Sade, avançarei priorizando o contexto de sua produção, isto é, o diálogo com seus contemporâneos e, por meio destes, com a tradição filosófica moderna. De minha parte, pagando o preço de tamanha pretensão, enfrentarei este desafio apresentando ao caro leitor algumas das concepções filosóficas que caracterizaram a idade moderna, a partir da qual, como diz Monzani, “uma nova compreensão do homem é posta em relevo” (1995, p. 215), justamente porque nela teria ocorrido uma reformulação da própria noção de natureza humana e de natureza em geral. Entendo que a partir destes recursos alcançaremos a compreensão da dimensão mais profunda da advertência de Sade, com a qual abrimos esta introdução, quanto à periculosidade e contundência de sua obra, mas especialmente de sua contribuição original no campo da filosofia moderna e contemporânea.

Todos sabem que o projeto filosófico da modernidade promoveu a ultrapassagem da concepção clássica de homem, tarefa que recebeu, dentre tantos, de Thomas Hobbes (1588 - 1679) inestimável contribuição na medida em que acentuou, particularmente no campo da teoria do conhecimento e da moral, uma visão de mundo e particularmente de natureza humana construída no encaixe de uma rearticulação da ordem estabelecida das paixões até então capitaneada pelo amor, seguida pelo desejo e ultimizada pelo prazer<sup>3</sup>. Valorizando a noção de desejo, implícita na de *conatus*, Hobbes exaltou a natureza humana fundada em sua potência e primazia.

É com muita pretensão que pretendo, a partir da investigação e da reflexão sobre a iniciativa de Hobbes, extrair dela as possibilidades de compreender entre suas tantas consequências e desdobramentos, um momento privilegiado de criação das condições de possibilidade da emergência, mais de um século transcorrido, da polêmica e intrigante obra de Sade. Quero dizer que foi pelo reposicionamento das mesmas referidas paixões que estabelecerei os vasos comunicantes entre Hobbes e Sade. Pela importância de ambos neste percurso, deles tomarei de empréstimo dois conceitos capitais, o de Estado e o de Orgia, que

---

<sup>3</sup> Sobre os diferentes tratamentos que estas paixões receberam na modernidade, consultar a obra *Desejo e prazer na idade moderna*, de L. R. Monzani. Editora Champagnat, 2011.

deram título a esta obra. Esclarecendo que a iniciativa de adotar o termo Orgia em maiúsculo, substantivando-o, tem a intenção de conferir-lhe estatuto de conceito com o intuito de relacioná-lo com o de Estado de Hobbes.

Considero que houve na modernidade algo que qualifico como uma “descoberta”, que comporta uma concepção relativa a uma natureza humana muito peculiar e com características surpreendentes tais como a equivocidade do desejo em relação a seus objetos. Condição que foi atribuída por Hobbes como fundamento da situação instável, insegura e temerária de guerra entre todos, que justamente ensejou a demanda de um projeto político artificial de orientação, sustentação e conservação da vida humana pela emergência da civilização. Circunstância que promoveu ainda a passagem, na verdade ultrapassagem, do primitivo estado de natureza (ou instintivo) para o civilizado, no qual o homem se encontraria em segurança, progresso e proteção para a realização de desejos bem orientados. Tudo justificado e regido por um princípio de auto conservação.

O leitor já deve estar se perguntando afinal que tipo de participação e importância Sade teve na história da filosofia moderna. Sem pretender levar esta questão desde já ao seu termo, antecipo um esquema em que disponho dois momentos ou pontos estratégicos da modernidade, a saber, o que permitiu a Hobbes formular a concepção de Estado e a Sade a de Orgia. De um ponto ao outro a modernidade foi, segundo entendo, tecida com a oferta de dois projetos político-pedagógicos distintos. De início, como sugeri, um projeto justificado por uma descoberta e reconhecimento acerca da condição do desejo como movimento equívoco, visando corrigi-la. Ao fim, justificado pela aceitação da natureza excepcional, não gregária e entrópica do homem, visando incentivá-la. Desta forma, a despeito do ponto de partida comungado, tanto o projeto de Estado como o de Orgia se distinguem por intenções e finalidades opostas. Enquanto o Estado, na condição de organização social e política, preconiza a possibilidade de segurança e conservação dos seus membros, a Orgia, que aqui igualmente considero como organização social e política visa e promove a destruição de seus membros, de modo que o isolamento seguido do consumo da vida constituem a coerência filosófica do libertino, revelam a verdade última do materialismo, pelo menos o de Sade.

Atribuo a divergência quanto ao objetivo pedagógico de ambos creditando-o à posição filosófica assumida por cada um deles. Enquanto Hobbes manifestou uma intenção de proporcionar ao homem uma alternativa de correção e de conservação de sua natureza equívoca e destrutiva, a Sade atribuo uma consideração dessa mesma natureza, mas na intenção de acolhê-la integralmente, de permitir que se desdobre, se atualize, persevere e reste em sua

condição inicial. Desta forma, acolhendo de maneira radical e conseqüente o que chamei de descobertas da modernidade acerca da natureza humana. Assim, Sade acolheu, sustentou e incensou certas características do homem natural concebido por Hobbes, permitindo que sejam levadas, no espaço e nas práticas da Orgia, às suas últimas conseqüências.

Em socorro a este ponto de vista antecipo alguns argumentos. Quando Hobbes, no capítulo catorze do *Leviatã*, se propôs explicar a distinção entre direito natural (*jus naturale*) e lei de natureza (*lex naturalis*), que define a condição natural do homem antecipou as condições e justificativas de sua entrada na vida civilizada, declarando que:

E dado que a condição do homem é uma condição de guerra de todos contra todos, sendo neste caso cada um governado por sua própria razão, e não havendo nada, de que possa lançar mão, que não possa servir-lhe de ajuda para a preservação de sua vida contra seus inimigos, segue-se daqui que numa tal condição todo homem tem direito a todas as coisas, incluindo os corpos dos outros. (1979, p. 78)

Em assim sendo, o que deve ser evitado é o autogoverno, que nesta condição tem seu móbil na sensibilidade. Trata-se de uma forma de vida a superar justamente por ser a responsável pela condição miserável e insegura que ocasiona. Em direção oposta, Sade não só postulou a orientação efetiva da vida pela sensibilidade, pelas inclinações que a povoam, como endossou o que dela resulta como a posse indiscriminada de todo bem necessário para sua satisfação, a guerra de todos contra todos que tem na violência a regra e no crime sua lei fundamental. Dessa forma, o objetivo que um persegue apresentando a alternativa do Estado gerido por um soberano que orienta o desejo de cada homem com vista à sua harmonização com o dos demais, é pelo outro levado a cabo pela alternativa da Orgia enquanto instituição que orienta e possibilita um tipo de restauração do estado natural do homem, ou pelo menos de uma existência mais próxima de sua natureza, mais próxima do funcionamento de seu organismo balizado pelo critério do prazer, entendido como sua paixão mais primitiva ou primária, que recomenda e orienta a consideração e busca do semelhante na condição de objeto de satisfação. Ok, mas nada disso faz sentido se não reconhecermos a ocorrência de um deslocamento, já à época de Sade, da hierarquia das paixões a que me referi. Consideremos que a este momento a fruição do prazer já orientava a realização do desejo, mais do que sua adequação a propósitos conseqüentes com a moral e com a conservação da vida. Mas não nos antecipemos.

Todos sabem que Hobbes postulou um ultrapassamento da condição natural e para isso postulou providências pautadas, a saber, “(n)o medo da morte, (n)o desejo daquelas coisas que

são necessárias para uma vida confortável, e (n)a esperança de consegui-las através do trabalho” (1979, p. 77), além “da razão que sugere adequadas normas de paz, em torno das quais os homens podem chegar a acordo” (1979, p. 77). Como indicou, contribui para isto a deliberação racional, enquanto juízo que avalia consequências e toma seguras providências orientadoras da vontade, entendida como “o último apetite ou aversão imediatamente anterior à ação ou omissão desta” (1979, p. 37). Desta forma pavimentou o caminho que cada homem trilha da renúncia à liberdade ao pacto social. De modo que cada homem, deixando a condição de indivíduo e submetendo-se voluntariamente à de sujeito, corrige sua condição natural, evita a vida “solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta” (1979, p. 76), evita seu consumo imediato.

Pois bem, inicialmente ao planeta povoado por homens discordantes, seguiu-se a renúncia à liberdade e ao direito natural, resultou na reunião e organização deles em torno de um Estado e do soberano que o conduz. Tudo decorrente como que espontaneamente de um bom senso, de uma prudência. Na segunda parte do *Leviatã*, intitulada *Do Estado*, Hobbes sintetizou:

O fim último, causa final e desígnio dos homens (que amam naturalmente a liberdade e o domínio sobre os outros), ao introduzir aquela restrição sobre si mesmos sob a qual os vemos viver nos Estados, é o cuidado com sua própria conservação e com uma vida mais satisfeita. Quer dizer, o desejo de sair daquela mísera condição de guerra que é a consequência necessária (conforme se mostrou) das paixões naturais dos homens, quando não há poder visível capaz de os manter em respeito, forçando-os, por meio do castigo, ao cumprimento de seus pactos e ao respeito àquelas leis de natureza... (1979, p. 103)

As noções de *conservação* e de *vida mais satisfeita* demandam explicações, particularmente por sua vinculação e dependência da iniciativa de renúncia da liberdade e do autogoverno. A primeira foi pensada como emergindo das próprias condições naturais do homem, de seu *conatus* definido como princípio de auto conservação. Derivou também do reconhecimento da condição desejante incontestável que o homem foi submetido pela natureza. Condição que o impulsiona, por astúcia e razoabilidade, mas também por desejo de auto conservação, para a adesão a uma condição alternativa que proporcione sua segurança, sobrevivência, conservação e, por fim, a consequente fruição de uma satisfação civilizada, prudente, virtuosa, mediatizada pelo Estado na figura do soberano.

Evidente que de Hobbes a Sade encontramos filósofos que preencheram o espaço conceitual e o intervalo temporal que os separa. Para dar conta disto, entendo ser necessário apontar a igualmente valiosa contribuição de filósofos como John Locke (1632 - 1704), Étienne



de Condillac (1715 - 1780) e Julien O. de La Mettrie (1709 - 1751). Por eles, entre eles pode-se reconhecer um tipo de extensão, de solução de continuidade. Viso operacioná-los apontando as particularidades de cada um que, uma vez colocadas em destaque, devem dar visibilidade às condições teóricas possibilitadoras da obra literária e filosófica de Sade.

A lembrança destes autores decorreu assim da postulação da presença de um fio condutor que permite uma certa costura entre eles, o que espero demonstrar com satisfatório acerto. Como visto, este fio tem uma de suas pontas amarrada na filosofia empirista/sensualista de Hobbes que concebeu o homem na condição de uma máquina sensível cujo funcionamento, para ser explicado, exigiu uma concepção renovada da condição passional do homem. Demanda que foi atendida como já dito acima pela noção de corpo desejante, que tem em si a possibilidade de inscrição e de realização de desejo e por isso de obtenção de prazer. Reconhecendo a sensação como fundamento da vida mental dos homens e do desejo como seu motor primário, Hobbes atendeu ao pré-requisito para a concepção de homem-máquina que, recebendo reforço e acréscimo de Locke, Condillac e La Mettrie, adensou o pensamento de Sade.

O destaque dado a este conjunto de pensadores permitiu identificar e apontar a especificidade da antropologia concebida na modernidade e da literatura de Sade como um empreendimento nela fundada, ou pelo menos em parte de suas teses conduzidas à sua radicalidade. Entendo que este “terreno filosófico”, esta nova mentalidade permitiu a Sade avançar na concepção particular de corpo como máquina sensível orientada para a finalidade do atendimento irrestrito das inclinações sensíveis e da obtenção do prazer ilimitado, de onde extraiu consequências inéditas e surpreendentes, a ponto, creio, de justificar sua advertência ao leitor de *120 dias de Sodoma*.

Nisso reconheço, com todos os riscos, o que entendo como sendo o próprio projeto e intenção da obra de Sade, a de levar às últimas consequências a aplicação e os desdobramentos da tradição filosófica da qual foi herdeiro, o que justifica e explica o insistentemente reconhecido caráter mortífero e abismal de sua obra. Por conta disso, penso que Sade, mais do que continuidade, operou uma autêntica extrapolação da tradição filosófica ao não se render aos resquícios do pensamento clássico sobreviventes no período moderno, especialmente no que diz respeito à conservação da vida, do indivíduo como da espécie e da sociedade. Isso tudo como consequência do reconhecimento de que o homem nada mais é do que um autômato, como disse Hobbes na introdução do *Leviatã*, cuja vida não passa de um movimento dos membros. Por extensão, também o Estado, operado por um soberano, foi entendido como

máquina (artificial), como um instrumento de animação que sustenta, organiza e articula as relações e assim a própria vida do corpo social e de seus membros.

Com base nisto postulo uma espécie de iluminação recíproca entre as noções de Estado hobbesiana e de Orgia sadeana, entre outros motivos, particularmente por estarem, acrescento agora, enlaçadas pelo propósito comum de servirem como instrumentos de reeducação da sensibilidade. Propósito apenas possível no interior de uma concepção de homem como máquina sensível sobre a qual se pode interferir do exterior, inclusive segundo uma atuação ortopédica. A finalidade pedagógica do Estado foi sustentada por Hobbes justamente a partir do pressuposto do primado do *conatus* como um dado fundamental da natureza humana, o que lhe permitiu reconhecer de um lado a anomia que lhe está implícita e, de outro, admitir a necessidade e possibilidade de sua orientação e correção a partir do exterior visando à obtenção de um prazer seguro como resultado de um desejo orientando, civilizado. Por sua vez a vocação pedagógica que Sade postulou para a Orgia foi concebida no interior e a partir de uma peculiar filosofia que postula como fundamento da vida passional já não mais o desejo, mas o prazer (como veremos, tese construída e sustentada por Condillac e La Mettrie) que lhe possibilitou conceber uma orientação de vida absolutamente singular e sustentada no gozo corporal.

Em outras palavras, um modo destoante de educação que visa acelerar a máquina humana pelo tempo suficiente e necessário para que encontre sua finalidade na convulsão e na exaustão. Assim, entendo que o deslocamento que a teoria das paixões sofreu de Hobbes a Sade, foi o responsável pela diversidade de objetivos que se seguiu. No primeiro caso, trata-se, o leitor de Hobbes bem o sabe, de propor e executar um sistema de conduta que vise uma consequência positiva e segura quando da realização do desejo. No segundo, um alcance irrestrito do prazer que admite e demanda uma preparação para suportar a morte como sua consequência.

Penso que outro esclarecimento se justifica relativo à minha intuição de que a modernidade trouxe consigo uma descoberta e um projeto. Pois bem, posso dizer agora que entre tantas outras coisas, trata-se da descoberta ou do reconhecimento de que o homem, naquilo que se pode chamar de sua natureza, nada mais seria do que um ser individual, de exceção, apartado, desenlaçado, fundado no mecanismo solitário da sensibilidade e na experiência singular da sensação, portanto autorreferente e por isso, segundo indicou Hobbes, num certo sentido e por suas implicações, autodestrutivo. Reconheço que a atribuição de autodestrutividade ao homem, no interior do pensamento de Hobbes, não pode ser inteiramente sustentada sem problemas em função dele ter postulado como uma das funções da razão a

capacidade de reconhecer os riscos de sua condição natural e livre, esta sim destrutiva, e de indicar os caminhos para deles se proteger. Portanto uma espécie de “saída” ou autocorreção que sua própria natureza comportaria.

Em função disto, ela traz consigo, especialmente no caso de Hobbes, o projeto de criação de instrumentos como o Estado, encarregado da produção de homens socializados e solidários, educados para serem sobreviventes pela solidariedade, vale dizer solidários na sobrevivência, capazes de relações entre seres finalmente igualizados, civilizados. Esta perspectiva que anima o pensamento de Hobbes está, por outras vias, também presente em Condillac e La Mettrie. Quanto a Sade, apesar de herdeiro da descoberta da modernidade, no entanto apresentou-se como divergente quanto ao seu projeto. Em seu lugar concebeu outra organização que visa sim um processo educativo, mas tendo em mira, repito, a sustentação do conteúdo mais radical da descoberta, a particularidade das sensações, o egoísmo, a equivocidade do desejo, a insustentabilidade da existência livre, seu caráter efêmero e exaustivo.

Quero ainda reafirmar que o projeto de Hobbes visa a promoção de laços, e isso se faz pela educação dos sentidos, oferecendo aos homens satisfações orientadas segundo regras comuns fundando assim a possibilidade de fruição de um prazer disciplinado, sustentável e seguro ao alcance de todos. Por sua vez, o projeto de Sade, por já estar consequentemente apoiado numa concepção de natureza humana constituída em torno do prazer como primado de sua vida passional reconheceu a inadequação da promoção de laço social e da conservação da vida que dele resulta. Isto porque para Sade o prazer é sempre uma paixão solitária a que não se deve renunciar.

Ele teve, posso dizer agora, a ousadia de reconhecer que estando o prazer no fundamento da natureza humana e que tendo em si uma finalidade de satisfação, é em si mesmo não socializável, não fazendo sentido insistir na promoção de qualquer pacto de convivência que promova a consideração do outro como sujeito. Antes, exige sua consideração como objeto, isto porque o que está em jogo é nada menos do que homens que têm como fundamento de seu funcionamento uma sensação que é por princípio singular, privada e efêmera, sempre fruída com exclusividade, portanto incomunicável. A promoção desta apatia em relação ao outro acaba sendo o recurso para sua inserção em uma estrutura que visa seu gozo sem a intromissão ou obstaculização de valores, considerações ou sentimentos coletivos.

Neste sentido é que desde já aponto para a natureza entrópica da Orgia, enquanto organização que no interior de seu isolamento não apenas permite, mas incentiva o livre escoamento das tensões eróticas que ganha em eficiência (e coerência) na proporção em que é

acelerado. A partir disto começa a fazer sentido a presença abundante, nas obras de Sade, de preleções que visam instruir o vício enquanto promove o desmonte da virtude, da indiferença em lugar da solidariedade, do isolamento em lugar da publicidade. Tudo no execução de um projeto pedagógico de orientação materialista. Desta forma, se antes a realização do desejo enquanto movimento que produz prazer, como concebido por Hobbes, demandava por parte da razão um direcionamento que possibilitava a produção de sujeitos alcançando prazer na segurança do compartilhamento (considerando que diferentemente dos prazeres os desejos podem ser compartilhados), por sua vez, Sade, reconhecendo no prazer a condição de causa do desejo já não admite um princípio de vida e de conservação. Isto porque o prazer só pode ser fruído com segurança se concebido como consequência do desejo civilizado.

Na perspectiva de Sade o prazer é antes consumo e exaustão, tem em si mesmo finalidade e meta, sua satisfação. A partir do que se pode concluir que a função pedagógica da Orgia é a de recuperar, resgatar e promover a natureza entrópica do corpo humano enquanto máquina sensível e permitir ou viabilizar a finalidade do gozo como uma prática a partir da qual todo excesso é autorizado e incentivado. Isto exigiu dele o recurso a dois instrumentos auxiliares, a arquitetura e o discurso. Enquanto pela primeira reuniu os participantes em castelos e mosteiros com limites definidos e acessos interditados, pelo segundo instruiu e potencializou a imaginação que desbloqueia, aciona, estimula e acelera a máquina corporal. Pela conjugação destes meios removeu o remorso, impossibilitando e enfraquecendo a sustentação de qualquer virtude, portanto uma pedagogia negativa que exige, por isso mesmo, projeto, execução, ordem, disciplina e obediência, para surpresa de muitos. Por conta do que desde já devemos estar atentos para não confundir as práticas da Orgia sadeana com as demais, no interior das quais se realiza toda ordem de fantasias e perversões particulares de seus membros. De modo que se podemos dizer inspirado em Freud que a virtude se paga com a neurose, em Sade que o vício se paga com a vida.

Por tudo isto seu projeto tem em primeira instância o propósito e o desafio de recuperar o homem civilizado, prestes a compor a sociedade republicana, tendo em vista restaurar seu “estado natural”, sua condição mais primária, enquanto indivíduo de exceção. Evidentemente desautorizando qualquer interpretação de sua obra como concernente a uma defesa da monarquia. Visa assim coerentemente restabelecer puras relações objetivas, projetadas em conformidade com a noção materialista da natureza, cuja lógica é a do movimento incessante (para ele impulsionado pelo crime, pela lógica da destruição) cujas formas e arranjos resultantes são sempre momentâneos e desprovidos de importância ou valor moral universal; condição que

a solidariedade, o altruísmo e a meta da conservação e sobrevivência interrompem.

No interior dessa visão de mundo, como diz Donald Thomas, Sade reconheceu que “o poder auto-destrutivo da raça humana é o poder supremo...” (p. 273). Neste caso, a expressão hobbesiana “guerra de todos contra todos” tem sim em Sade o sentido de um campo sangrento de batalha, mas que não deve ser nem imaginado com medo, nem evitado com prudência, já que nele há a oportunidade de que todos estejam a serviço de todos, excelente oportunidade para a prática de uma vida plenamente orgiástica. Para isso Sade, como singular pensador iluminista, sabia que é preciso promover a desconstrução da soberania da moral civilizada, cujo poder neutraliza o potencial destrutivo da natureza que habita os homens, o que pode ser alcançado pela apatia em relação, entre outras coisas, ao poder constituído, ao outro e, em especial, a si mesmo. Por isso mesmo a Orgia se constitui como uma sociedade sem sujeitos. Somente a partir desta reeducação o libertino promove o livre exercício da potência e escoamento da tensão erótica, submete-se à sua natureza.

Para finalizar, pergunto se não estaria no bom caminho Monzani, na obra *Desejo e prazer na idade moderna*, ao suspeitar que Sade talvez seja o pensador que tenha levado às últimas consequências, no plano moral e filosófico, algumas premissas do pensamento moderno. De fato, Monzani afirma que sob muitos aspectos, Sade teria sido “a realização completa e acabada” (1995, p. 11) ao se referir a certas matrizes filosóficas do século XVIII, particularmente o materialismo francês. Penso, por fim que Sade foi um herdeiro infiel, com a intenção de dizer consequente, do materialismo francês, além de um precursor disciplinado da física entrópica, uma vez que, como ela, o mundo que denuncia será um dia inexistente.

## Bibliografia

- BOCCA, F. V. Roland Barthes: um semiólogo nômade. In: **Revista de filosofia**. PR.: Champagnat, 2003
- \_\_\_\_\_. Libertinagem como linguagem. In: **Revista de filosofia**. V. 18, PR.: Champagnat, 2006
- \_\_\_\_\_. Sadecation. In: **O movimento de um pensamento** (p. 95 – 112). Curitiba, Ed. CRV, 2011
- \_\_\_\_\_. Prazer à exaustão. In: **Filosofia, psicanálise e sociedade** (p. 331 - 356). R. J., Ed. Azougue Editorial, 2011
- \_\_\_\_\_. Máquina sensível. In: **La Mettrie ou filosofia marginal do século XVIII** (p. 19 – 42). Curitiba, Ed. CRV, 2013
- \_\_\_\_\_. **Le Marquis de Sade: un matérialisme aux conséquences ultimes**. In: *Revista Natureza Humana*. v. 16, 2014

- BOYER, J. B. **Teresa filósofa**. R.S.: L&PM, 2000.
- CABANIS, P. J. G. Rapports du physique et du moral. In: **Oeuvres philosophiques de Cabanis**. Paris: Presses Universitaires de France, 1956
- CASSIRER, E. **A filosofia do iluminismo**. Campinas: Ed. Unicamp, 1992
- CONDILAC, E. B. **Tratado das sensações**. Campinas: Ed. Unicamp, 1993
- DESBORDES, J. **O verdadeiro rosto do Marquês de Sade**. R. J.: Ed. Vecchi, S.D.
- HOBBS, T. **Leviatã**. S. P.: Martins Fontes, 2003
- \_\_\_\_\_. **Os elementos da lei natural e política**. S. P.: Ícone Ed., 2002b
- \_\_\_\_\_. **Do cidadão**. S. P.: Martins Fontes, 2002
- HUNT, L. **A invenção da pornografia**. S.P.: Ed. Hedra, 1999
- JACOB, C. O mundo materialista da pornografia. In: **A invenção da pornografia**. (Org, Lynn Hunt) S.P.: Ed. Hedra, 1999
- KLOSSOWSKI, P. **Sade, meu próximo**. S. P.: Brasiliense, 1983
- LANGE, F. A. (1910). **Histoire du matérialisme et critique de son importance à notre époque** (t. I). Paris: Schleicher Frères.
- MARILHAT, C. **Un matérialisme radical**. Paris: PUF. 1997
- MARKOVITS, F. La Mettrie et le thème de l'histoire naturelle de l'homme. Dans S. Audidière, J-C. Bourdin, J-M. Lardic, F. Markovits, & Y. C. Zarka. **Matérialistes français du XVIII siècle: La Mettrie, Helvétius, d'Holbach**. Paris: PUF, 2006
- METTRIE, J. O. **O homem-máquina**. Lisboa: Estampa, 1982.
- \_\_\_\_\_. Anti-Sêneca, ou discours sur le bonheur. In: **OEuvres philosophiques**. Paris: Coda, 2004.
- MONZANI, L. R. **Desejo e prazer na idade moderna**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- \_\_\_\_\_. Desejo, prazer e felicidade na idade moderna. In: **As pulsões**. S. P.: EDUC, 1995.
- \_\_\_\_\_. Sade – ou a individualidade desejante. Revista Digital AdVerbum, n.1, v. 1, 2006
- NORBERG, K. A prostituta libertina...In: **A invenção da pornografia**. (Org, Lynn Hunt) S.P.: Ed. Hedra, 1999
- PRIGOGINE, I. e STENGERS, I. **A nova aliança**. Brasília: Ed. UNB, 1984.
- SADE, M. **Oeuvres Completes**. Paris: Au cercle du livre précieux, 1966
- \_\_\_\_\_. **La nouvelle Justine ou Les malheurs de la vertu**. Tome I - II. Paris: Union générale d'éditions, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia na alcova**. S. P.: Iluminuras, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Diálogo entre um padre e um moribundo**. S. P.: Iluminuras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Os crimes do amor**. R. S.: L&PM, 2003b.
- \_\_\_\_\_. **O marido complacente**. R. S.: L&PM, 1997
- \_\_\_\_\_. **Ciranda dos libertinos**. S. P.: Círculo de livro
- \_\_\_\_\_. **Histoire de Juliette ou Les prospérités du vice**. Tome II. Paris: Union générale

d'éditions, 1979.

\_\_\_\_\_. **Os 120 dias de Sodoma**. S. P.: Ed. Iluminuras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Cartas**. Rodolfo Alonso Editor.

\_\_\_\_\_. **História secreta de Isabel da Baviera**. Lisboa: Estampa, 1977.

SOLLERS, F. **Sade contra o ser supremo**. S. P.: Ed. E. Liberdade, 2001.

SOUZA, M. G. **Natureza e Ilustração, sobre o materialismo de Diderot**. S.P.: Ed. Unesp, 2002.

STIRNER, M. **O único e a sua propriedade**. Lisboa, Ed. Antígona, 2004.

THOMAS, D. **Marquês de Sade, o filósofo libertino**. R. J. : Ed. Civilização Brasileira, 1992.

YVES, C. Zarka et al. **Matérialistes français du XVIII siècle**. Paris, Ed. PUF, 2007.